

Portugal tem cartas para jogar. Deve fazê-lo.

AUTOR

Nuno Lameiras

Presidente da AGEFE

PUBLICAÇÃO

Jornal de Negócios

10 de setembro de 2026

[LER O ARTIGO NA PUBLICAÇÃO](#)

O debate sobre o futuro industrial da Europa domina as agendas em Bruxelas, Berlim e Paris. E há o risco de Portugal ficar preso numa narrativa que não lhe faz justiça: a de que somos demasiado pequenos, demasiado periféricos, demasiado tardios para ter um papel relevante na reconfiguração das cadeias de valor industriais. Os factos dizem o contrário.

Não se trata de otimismo fácil. As dificuldades são reais e o diagnóstico europeu é severo. Mas do diagnóstico certo retira-se direção, não fatalismo. E Portugal tem hoje argumentos geoestratégicos que justificam ambição.

A nova centralidade energética do país é um ativo decisivo num mundo em que a indústria procura eletricidade competitiva e descarbonizada. O potencial solar, o eólico offshore e a ambição de produzir energia limpa e acessível são exatamente o que atrai, hoje, as fases de maior valor das cadeias industriais.

A isto soma-se uma posição geográfica e digital ímpar: Portugal é hoje um dos países mais bem conectados do mundo por cabo submarino, com ligações diretas às Américas e a África e presença nas grandes rotas de dados entre continentes. Numa era em que a conectividade digital é infraestrutura crítica, isso é uma vantagem competitiva real.

E há o talento. A capacidade de atrair e formar quadros qualificados nas áreas da tecnologia, da engenharia e da inovação coloca Portugal numa posição favorável precisamente onde o valor hoje se concentra: não na produção física, mas no conhecimento que a antecede e a comanda.

O erro seria querer recuperar o que perdemos. A produção em massa de componentes, as fases pesadas e de baixo valor, estão hoje fixadas noutros blocos com vantagens de escala e custo que não podemos igualar. Insistir nessa corrida seria gastar recursos a perseguir uma quimera.

A pergunta certa não é como trazer de volta o que foi. É onde está o valor que ainda podemos fixar. E a resposta é clara: nas fases intangíveis, nas que dependem de talento, de ecossistemas de conhecimento, de proximidade aos mercados europeus. É aí que Portugal tem condições reais para competir. Não pela fábrica de montagem, mas pelo centro de I&D, pela sede de inovação, pela operação tecnológica de alta competência.

A indústria eletrodigital portuguesa está na linha da frente desta transição. E a nossa missão, enquanto setor, é transformar essa oportunidade em parcerias, em investimento, em formação, em política industrial à altura do potencial do país. Portugal não é demasiado pequeno para isso. Tem a dimensão certa para jogar os trunfos de que dispõe com agilidade, inteligência e ambição.

PUBLICAÇÃO ORIGINAL

Artigo originalmente publicado no Jornal de Negócios, em 10 de setembro de 2026. [Consultar artigo aqui](#)